UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

MOEDA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA MOEDA SOCIAL NO ASSENTAMENTO MARIANA E ACAMPAMENTO CARLOS MARIGHELLA

Taís do Nascimento Lima[1]; Wodis Kleber Oliveira Araujo[2];
1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: taisnlimaa@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: wkoaraujo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Moeda Social; Movimento; Luta.

INTRODUÇÃO

Na oportunidade de trabalhar com um grupo que vivencia e dialoga constantemente com práticas e lutas coletivas, a análise direciona-se ao encontro de dois grupos pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra(MST). Mais especificamente, o Assentamento Mariana e Acampamento Carlos Marighella, situados em Camamu e Ipiaú, respectivamente. Nessa perspectiva, também havia um grande interesse, por parte dos sujeitos, em conhecer e compreender melhor sobre a moeda social e suas possibilidades de implantação. Instrumento de troca, a moeda é força, resistência, proteção para aqueles que dela compartilham, produzem e desejam fortalecer independência fora dos grandes mercados. Conforme Rigo (2014), o uso da moeda social no território envolve a noção de apropriação cidadã da moeda, da história e da identidade do lugar. Dessa forma, como o objetivo de tal instrumento é justamente que o próprio grupo seja capaz de empregar e executar as atividades decorrentes da moeda, foi construído um diálogo formativo acerca das possibilidades.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Tendo em vista o cenário pandêmico e o distanciamento social, todo o processo de execução das ações foram adaptados ao modo remoto/ virtual. Dentre as atividades, a ocorrência de rodas de conversa sobre a moeda social, desenvolvimento local, bem como, a elaboração de um questionário e aplicação do mesmo pelo próprio grupo. Nos encontros virtuais foram levantados alguns relatos, percepções sobre as atividades realizadas no interior do grupo e a maneira como elas são distribuídas entre seus pares. Com o intuito de alinhar as atividades mencionadas buscou-se, por meio de relatórios e atas, registrar os resultados a partir das experiências e diálogos com os grupos. Desse modo, ocorreu um processo de mapeamento das informações a fim de construir um caminho seguro para a conclusão da investigação. Assim tornar o conhecimento mais sólido e acessível, a fim de fortalecer as relações e promover base para outras pesquisas futuras.

A análise em questão, foi guiada pelo método de pesquisa participante, em que o sujeito estudado também participa, interage e traz conhecimentos populares de grande valor. Segundo Brandão e Borges (2007), é por meio do exercício da interação entre

diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. Desse modo, a utilização de mecanismos que possibilitassem aproximar conhecimentos populares e científicos foram muito importantes para o desenvolvimento de ambos os envolvidos no processo. A incubadora de Inciativa de Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS) é um grande exemplo de tal seguimento a nos guiar para devidos fins. As entidades de apoio e fomento à Economia Popular e Solidária, são definidas por Lima (2016) como Instituições que se dispõem a prestar auxílio por meio do planejamento, apoio técnico, formação política e/ou mediação de diálogo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Após o levantamento das informações obtidas, a partir do questionário, realizamos uma exposição com todos os resultados e completamos fazendo observações sinalizando pontos importantes. Os grupos conseguiram identificar falhas na produção e distribuição das riquezas, no sentido das práticas no interior de ambos os grupos. Foram feitas comparações de pontos positivos e negativos encontrados em Camamu e em Piaú, exemplo, a fertilidade do solo, produtos da região, disponibilidade de água, meios de transporte, locais de escoamento dos produtos, consumo das famílias. Com isso, avaliaram toda a estrutura interna e levaram para a reflexão a reorganização do espaço para uma futura implantação de uma moeda social. Promoveu-se um espaço de troca de saberes, e valorização da história de um povo que luta e constroe sua forma de existir e ocupar espaços. “O Bem Viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político” (COSTA, 2016, p. 240).

Foi bastante satisfatório promover encontros virtuais com alguns membros dos grupos citados, logo, era perceptível neles o interesse e força de vontade em aprender e tentar reaplicar os conhecimentos sobre a moeda dentro da comunidade. Dado que, promovemos espaços de conversas bastante proveitosos tanto para conhecer a dinâmica do grupo quanto para articulação do mesmo. Conforme PRAXEDES (2009), o movimento social é fundamental na consolidação de uma política de caráter democrático e amplia a cidadania da população. Dessa forma, conhecer a dinâmica do grupo e trazer os mesmos para uma autoavaliação proporciona também a troca de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Contudo, a lógica não era só incentivar que os sujeitos se tornassem capazes de se organizar coletivamente e implantar uma moeda própria, como também, fazer deles autogestores do próprio modo de viver. Proporcionar momentos de reflexão sobre as várias formas de implantar uma moeda própria e propiciar o desenvolvimento local, foi muito importante para o conhecimento dos sujeitos. Bem como, reconheceram a dinâmica do grupo e entenderam como vivem e podem gerar renda dentro do acampamento/ assentamento. Nesse contexto, observa-se a moeda social como uma espécie de movimento “gambiarra”, pelo qual diferentes grupos/ famílias ligam-se, provisoriamente em um espaço, para fortalecimento do conjunto e assim ganharem o direito de permanência. O grupo acredita que a moeda funcionará como um meio de “aglutinação”, fazendo unir ainda mais o grupo e o modo de produzir e gerar sustento.

REFERÊNCIAS

PRAXEDES, Sandra Faé. Políticas Públicas de Economia Solidária: novas práticas, novas metodologias. **Ipea**: Economia Solidária e Políticas Públicas, [*s. l*], n. 39, p. 57-62, maio 2009. Mercado de trabalho.

COSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016. 264 p.

RIGO, Ariádne Scalfoni. **MOEDAS SOCIAIS E BANCOS COMUNITÁRIOS NO BRASIL: APLICAÇÕES E IMPLICAÇÕES, TEÓRICAS E PRÁTICAS**. 2014. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração (Npga), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23908/1/ARI%c3%81DNE%20SCALFONI.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

LIMA, José Raimundo Oliveira. Economia Popular e Solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela organicidade das iniciativas. Otra Economía, Unisinos, v. 10, n. 18, p.3-17, jan. 2016. Semestral.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues & Borges Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação. Revista Educação Popular. v.6, 2007.